

quanto feixe de significação — que é verdadeira — e não apenas uma de suas significações ou um de seus planos de referência. Traduzir uma imagem numa terminologia concreta, reduzindo-a apenas a um de seus planos de referência, é pior do que mutilá-la, é negá-la, anulá-la como instrumento de conhecimento».⁴⁴

A evidência da polivalência de significações dos símbolos confirma-se ainda tanto pelo fato de que Teresa utiliza os mesmos símbolos para dizer o que é a alma quanto para dizer o que é o centro. Assim é que a árvore será ao mesmo tempo símbolo da alma e do centro,⁴⁵ como o é o castelo interior.⁴⁶

Teresa de Ávila recorreu à linguagem simbólica não somente porque o símbolo é o único capaz de sugerir a riqueza de significações de uma realidade tão misteriosa como é a alma, mas ela utilizou ainda todo um conjunto de símbolos tomados de empréstimo aos mais diversos campos. Teremos ocasião de constatar igualmente que existia uma certa estrutura no interior de seu pensamento simbólico diversa da estrutura do pensamento racional.

5. Origem da Linguagem Simbólica

Convém a esta altura indagar qual a origem da escolha teresiana de determinados símbolos e não de outros. A este respeito ela exprimiu-se muito claramente.

Como sabemos, quando Teresa escrevia, ela se encontrava frequentemente em estado de oração ou êxtase, e parecia-lhe que as palavras lhe eram por assim dizer ditadas. «Deus ilumina meu entendimento, ora ditando-me as palavras, ora mostrando-me o modo de me exprimir. Sua Majestade deseja, parece, como na oração precedente dizer ela mesma o que não posso e nem sei dizer».⁴⁷

Tais inspirações lhe pareciam ser uma vantagem, pois escrevia então com mais facilidade e clareza: «e, no entanto, seria preciso tempo, porque quando o Senhor nos dá sua inspiração, escreve-se com mais facilidade e clareza. Parece que se tem diante de si um modelo a copiar. Mas se a inspiração divina falta, é mais difícil falar destes assuntos que falar árabe, isto apesar de grande número de anos em oração. Eis por que considero uma grande vantagem encontrar-me, no momento de escrever, no grau de oração de que falo. Vejo então claramente que não sou eu quem dispõe com o entendimento; não sei mesmo como pude conseguir expressá-lo; isto me ocorre frequentemente».⁴⁸

⁴⁴ Ibid. p. 18-19.

⁴⁵ Moradas 7, II-9.

⁴⁶ Moradas 7, Jesús 1/2.

⁴⁷ Vida XVIII-8.

⁴⁸ Vida XIV-8.

E' então neste estado psicológico que surge o símbolo. Não é ela, isto é, seu eu, quem os cria, mas o Senhor no centro da alma; é ele quem sugere as comparações como ela mesma diz no texto: «Ele mesmo me fixou e sugeriu as comparações de que devo me servir; ensinou-me de que maneira eu devia me exprimir e como a alma se deve conduzir neste estado. Fiquei verdadeiramente espantada com isto, pois aprendi tudo num instante».⁴⁹ Ela esforça-se por reproduzir com fidelidade as palavras que lhe são ditadas: «Quando me expresso nestes termos, escreve ela, ouvi isto ou o Senhor me disse aquilo e teria grande escrúpulo de acrescentar ou suprimir até mesmo uma sílaba».⁵⁰ Sua fidelidade chegava ao extremo de observar quando é dela que vinha uma palavra ou quando era de uma revelação.⁵¹

Apresentando seu Livro das Moradas, escreve Teresa: «Enquanto hoje pedia a Nosso Senhor que falasse no meu lugar, porque não sabia o que dizer... apresentou-se ao meu espírito o que vou agora dizer, e que será de certa forma fundamento deste escrito».⁵² Isto confirma que a origem de todo este conjunto de símbolos que se agrupam em torno do castelo e das moradas é o centro da própria alma.

Quando por vezes Teresa duvida da escolha de sua linguagem simbólica, ela nos diz que numa revelação viu confirmada a exatidão de sua escolha. A propósito do fênix ela escreve: «A comparação da qual te serves é precisa; faz por não esquecê-la, a fim de trabalhar no sentido de te aperfeiçoares cada vez mais».⁵³

A exatidão, portanto, não é determinada pelo entendimento, mas pela inspiração ou pela experiência das realidades interiores da alma ou ainda por aquilo que Teresa chama «uma outra maneira de ouvir».⁵⁴ A alma parece de certa forma «dotada de diferentes faculdades novas de ouvir»,⁵⁵ e «ela encontra-se imediatamente instruída e adquire conhecimentos que seria incapaz, parece, de coordenar após um mês de trabalho».⁵⁶ A alma é como uma pessoa que sem ter aprendido nada, encontrar-se-ia de posse de toda a ciência adquirida: esta pessoa não poderia se explicar como,

⁴⁹ Vida XIV-2. Foi Deus quem lhe revelou os maiores segredos: Vida XXXVIII-2, XL-4, Moradas 6,X-2 e Cantares III-3. E' a Deus que ela implora a fim de receber a inspiração para a redação de sua obra: Vida XIV-8 e Vida XVII-1.

⁵⁰ Vida XXXIX-8.

⁵¹ Vida XXXIX-8.

⁵² Moradas 1,I-1.

⁵³ Vida XXXIX-23.

⁵⁴ Eis o que ela escreve: «E, em verdade, nunca pensei que existisse uma outra maneira de entender e de conhecer, até o dia em que o constatei por mim mesma; mas, como disse, esta experiência custou-me caro». Vida XXV-9.

⁵⁵ Vida XXVII-8.

⁵⁶ Vida XXV-8.